

Ambiência Comunicacional: Input e Output¹
Vera Lucia Muniz Bassoi²

Resumo:

Partindo da definição de ambiente dada por Norval Baitello Jr, gostaríamos de propor um diálogo com ele, ao considerar a ambiência do ponto de vista comunicacional, e mais especificamente, em ambiente familiar, pelo fato de ser a terapia familiar a nossa área de atuação. Para tanto, também usaremos os aportes fornecidos por Bateson e Ruesch ao considerarem que o organismo humano é equipado com órgãos sensoriais receptores e efetores, o que faz com que o corpo possa ser concebido como um instrumento de comunicação. Quando estamos em um cenário, tudo o que está no nosso entorno pode ser observado por nós e capturado pelos órgãos sensoriais que enviam as informações para o cérebro. Tudo que está no cenário entra em nós, o que denominaremos de input. Ao mesmo tempo, nós fazemos parte do cenário e, conseqüentemente, também o afetamos com aquilo que sai de nós, ou seja, o output. Pretendemos mostrar a interface da comunicação com a constelação familiar sob esse aspecto fenomenológico.

Palavras-Chave: *Ambiência. Imagem Exógena. Imagem Endógena. Input. Output.*

Communicational Ambience: Input and Output

Abstract:

Starting from the definition of environment that has been given by Norval Baitello Junior, we would like to propose a dialogue with him when he considers the ambience from a communicational point of view, and more specifically, in a family environment because of the fact that family therapy is our field of work. To do so, we will also use contributions that have been given by Bateson and Ruesch when they consider that the human body is equipped with receptor and effector sensory organs and that this fact makes the human organism, in its totality, an instrument of communication. When we are in a scenario, everything around us can be observed by ourselves and captured by our sensory organs and these sensory organs send the information they are capturing to the brain. This way, everything that is in the scenario comes into ourselves and this mechanism we will call input. At the same time, we also belong to the scenario and, consequently, we also affect it with what is coming out of ourselves, and this mechanism we will call output.

Key Words: *Ambience. Exogenous Image. Endogenous Image. Input. Output.*

¹Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho "Narrativas Midiáticas" do X Encontro de Pesquisadores em Comunicação e Cultura, realizado pelo PPG em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba, em parceria com o PPG Com da ECA/USP, na Universidade de Sorocaba – Uniso – Sorocaba, SP, nos dias 26 e 27 de setembro de 2016.

² Mestra em Comunicação e Cultura pela Universidade de Sorocaba – UNISO - verabassoi@gmail.com

A palavra “ambiente” vem do latim *ambi*, ou do grego *amphi* e as duas vêm de uma língua mais antiga chamada indoeuropeu, que não tinha escrita e foi reconstruída por lingüistas que chegaram à conclusão que os indo-europeus tinham uma palavra que significava “de um lado e de outro”. Este é o sentido do *ambi*, no latim, por isso ambiente é estar numa coisa que tem um lado e outro, o lado de lá e o lado de cá. Então, o que define o ambiente é esta bilateralidade que gera a pluricausalidade. Quando estamos em um cenário, tudo o que está no nosso entorno pode ser observado por nós e capturado pelos órgãos sensoriais que enviam as informações para o cérebro. Dessa forma, tudo que está no cenário entra dentro de nós. Ao mesmo tempo, nós também fazemos parte do cenário e, conseqüentemente, também entramos nele. Então, isso é um ambiente, é algo que, ao mesmo tempo em que entramos nele, ele entra dentro de nós (BAITELLO, 2015).

Ao movimento de entrada, denominamos *input* e, ao de saída, *output*. Levando em conta a definição de ambiente dada por Baitello, queremos focar na ambiência comunicacional. Harry Pross (1923-2010), estudante de sociologia e depois professor e teórico da comunicação, afirma que há três tipos de mediação possível, sendo que a mediação que se dá presencialmente, com o corpo e com todas as suas linguagens, é a mediação primária ou os meios primários – a voz, o gesto, a entonação, o movimento, a roupa; enfim, basicamente é o corpo, e ele não precisa de nenhum aparato para se comunicar. Essa mediação só é possível se nós estivermos no mesmo tempo e no mesmo espaço, num mesmo lugar, aqui e agora. Sem aparatos, o alcance do som da nossa voz só se dá num entorno muito próximo do nosso corpo. Assim também os nossos gestos só serão visíveis por quem está por perto, portanto, esta mediação tem um alcance geográfico pequeno.

Harry Pross anunciou no final da década de 1960 o que viria a se tornar uma reviravolta silenciosa mas decisiva: a inclusão do corpo e de seus meios nos estudos de comunicação. [...] Afirma o autor que é o corpo que detém os primordiais meios de comunicação, os meios primários que possibilitam alimentar elos com os outros. Entre os meios primários de comunicação, Pross enumera os sons, inarticulados (entre estes, a voz), os gestos, os odores, as fisionomias, as posturas, os movimentos. [...] Um corpo não se reduz a um único vetor ou a uma única direção de vinculação, tampouco se reduz à unidimensionalidade de processos lineares ou lógico-formais, muito menos à pura mediação. Não é, dessa maneira, mero “meio de comunicação ou mídia”. Muito antes, ele é um catalisador de

ambiente comunicacional. Podemos nomear essa implicação de “princípio de ambiência” (apud BAITELLO, 2008, p. 95-96, 99).

Vamos agora nos ater ao corpo como um “catalisador de ambiente comunicacional”. Referindo-se aos mais simples sistemas de comunicação, Jurgen Ruesch (1910-1995), psiquiatra voltado para a comunicação, parceiro de Gregory Bateson (1904-1980) na Escola de Palo Alto³ e co-autor do livro *Comunicacion – La matriz social de La psiquiatria*, dialoga com Pross ao afirmar que em um sistema de comunicação unipessoal, os sinais se apresentam ao longo de todo o corpo. Num sistema composto por duas ou mais pessoas, os sinais se apresentam através dos corpos e do meio que os separa. Quando há muitas pessoas, forma-se uma rede que inclui a totalidade do grupo, e se consideramos vários grupos, podemos falar em rede cultural.

Consideremos primeiro os instrumentos humanos de comunicação e as vias do corpo utilizadas para comunicar-se. O organismo de um homem, na sua totalidade, pode ser concebido como um instrumento de comunicação, equipado com órgãos sensoriais, os receptores; órgãos efetores, os emissores; transmissores internos, as vias nervosas e humorais, e um centro: o cérebro (BATESON; RUESCH, 1965, p.31).

Os órgãos sensoriais estão basicamente situados desde a cabeça até os pés, tanto nas regiões externas do corpo como nas regiões internas. Os órgãos terminais atuam como estações de transformação de impulsos em respostas aos estímulos originados tanto no ambiente externo como no próprio corpo. Independentemente de que o estímulo original consista em uma série de luzes ou ondas sonoras, ou em reações químicas, os órgãos sensoriais transformam aquilo que é percebido em impulsos que são apropriados para a transformação interna dentro do organismo. O essencial é que todo tecido vivo tenha possibilidade de responder ao impacto de estímulos específicos. A natureza da capacidade de resposta está determinada, em parte, pelo tipo de estímulo que é percebido e, em parte, pela natureza dos tecidos reativos, órgãos e sistemas de órgãos. Para uma maior economia e eficácia, o estímulo percebido na superfície do corpo ou dentro do organismo é transformado de tal forma que pode ser transmitido apropriadamente e, assim mesmo, os impulsos originados no cérebro e outros centros

³ Escola de Palo Alto, também chamada Colégio Invisível, era um lugar de encontro de intelectuais nos Estados Unidos, na Califórnia, onde se hospedavam e passavam dias trocando suas mais novas ideias científicas e se enriquecendo com os conhecimentos dos companheiros. Por lá passaram muitas celebridades, inclusive Gregory Bateson, Virginia Satir, Milton Erikson, Fritjoff Capra e muitos outros.

reguladores são transformados em várias etapas antes de alcançar o órgão efetor ou, ainda mais remotamente, os órgãos sensoriais de outra pessoa (BATESON; RUESCH, 1965).

Nossos órgãos efetores, os músculos lisos e estriados do corpo, reagem aos estímulos originados no próprio organismo. A irritabilidade dos músculos se contraem quando são estimulados, o que pode dar origem a atividades dos membros para mover o corpo no espaço, permitir a entrada de ar na traquéia e emitir sons ou realizar movimentos dos tratos intestinais ou do sistema circulatório. Quando as atividades de um órgão ou do organismo todo são percebidas, por si mesmo ou pelos outros, constituem atos comunicativos que esperam ser interpretados. Os centros mais elevados do sistema nervoso e talvez certas glândulas avaliem as mensagens originadas nos órgãos individuais, e a pessoa pode responder automaticamente, muitas vezes sem nem mesmo ter tomado consciência da transmissão. São conhecidas por reflexos as respostas automáticas, se o circuito, com exceção do estímulo, estiver totalmente localizado dentro de um organismo.

Transmitir mensagens é comunicar-se. Baitello Junior nos diz que “comunicar-se é criar ambientes de vínculos”. E acrescenta:

Não mais se pode compreender a comunicação como simples conexão ou troca de informações, mas necessariamente é preciso ver nela uma atividade vinculadora entre duas instâncias vivas. [...] Os corpos são exímios geradores de vínculos quando auscultam e deixam-se auscultar por outros, porque só eles preenchem os espaços de falta de outros corpos. [...] Se a informação busca a certeza como parâmetro, o vínculo aposta na probabilidade. Assim, a comunicação que brota dos corpos nunca será determinística, pois outros corpos estarão sempre entremeados em uma ambiência gerada por corpos com histórias e sonhos, faltas e oferecimentos distintos (BAITELLO, 2008, p.100-101).

O próprio corpo é formado como resultado do vínculo que existiu entre um homem e uma mulher. Isso nos remete à fala de Hellinger:

[...] nenhum outro ato humano está mais sintonizado com a ordem e a plenitude da vida, nem nos toma mais amplamente a serviço do mundo em sua totalidade. Nenhum outro ato humano nos traz um prazer tão inebriante nem proporciona, em seu seguimento, um tal sofrimento amoroso. Nenhum outro ato humano é mais pesado de consequências, mais cheio de riscos, nem exige de nós tais extremos ou nos faz tão conhecedores, sábios, humanos e grandes do que aquele

em que um homem e uma mulher reciprocamente se tomam e se reconhecem no amor (HELLINGER, 2009, p.43).

E esse vínculo entre um homem e uma mulher é o que gera um novo ser humano. Não há vínculo maior do que o existente entre a mãe e o bebê, durante a gestação. Há aproximadamente trinta anos, surgiu a Psicologia Pré-Natal que trata do estudo do comportamento e do desenvolvimento, tanto evolutivo como psico-afetivo-emocional do indivíduo, no período anterior ao seu nascimento. Com o advento das novas tecnologias como o ultra-som, pode-se perceber o útero como ambiente natural e relacional do feto. Durante a gestação, torna-se importante o estabelecimento dos vínculos afetivos mãe-feto. Desde a fecundação até o nascimento, o feto está mergulhado na ambiência comunicacional no interior do corpo da mãe, como se os dois fossem apenas um e, através da placenta e do cordão umbilical, é impossível deixar de haver a passagem das emoções, sentimentos, sensações e pensamentos da mãe para o feto.

"[...] O conhecimento da psicologia pré-natal é importante tanto para a psicologia evolutiva como para a psicanálise, cujo objeto primordial de estudo é o inconsciente. Com efeito, se considerarmos que todos os fatos ocorridos com o ser antes de ele nascer a) recebem registro mnêmico, b) que este registro fica guardado apenas no plano do inconsciente, c) que todas as vivências pelas quais passa o ser no período pré-natal irão fazer parte de sua bagagem inconsciente, exercendo influência tanto sobre a sua personalidade pós-natal como sobre a sua conduta e o seu comportamento, e d) que o estudo do inconsciente é o objeto por excelência da psicanálise, conclui-se que o estudo da psicologia pré-natal é de importância fundamental para ela [...]" (WILHEIM, 2002, p.18).

Baitello Junior nos contou, em uma conferência que fez na UNISO em 2015, que certa vez, uma enfermeira chefe de berçário, a senhora Maria do Carmo de Oliveira, lhe pediu para ser o orientador de sua dissertação de mestrado e que tomou um susto quando a ouviu dizer “eu quero pesquisar a comunicação do recém-nascido de zero a cinco horas de vida”. Essa enfermeira contava com 20 anos de experiência no trabalho com recém-nascidos e, após ter feito o mestrado, lhe procurou novamente e lhe disse que se encontrava pronta para o doutorado e, desta vez, o que ela quis foi pesquisar a comunicação do recém-nascido de 0 a 5 minutos. A tese foi defendida e gerou uma enorme emoção em todos os presentes, levando - os às lágrimas, inclusive ele próprio (BAITELLO, 2015).

Tendo ouvido esse comentário feito por Baitello, imediatamente nos veio à mente o que há muito tempo, empiricamente sabíamos sobre o fato de que tudo o que a mãe sente, durante a gravidez, passa para o feto. Pensamos, então, que aí deveria estar um ambiente comunicacional externo afetando a ecologia interior da mãe que, por sua vez, afeta a ecologia interior do feto. Aqui estamos vendo a possibilidade do *input* e *output* estarem funcionando duplamente. Atentando para a possibilidade de investigarmos esse assunto, empreendemos uma pesquisa bibliográfica e encontramos subsídios para levarmos adiante a idéia de olhar para o ambiente comunicacional entre mãe e feto.

Com a contribuição dos conhecimentos trazidos pela Física Quântica, houve um grande avanço tecnológico na área da medicina nuclear proporcionando a investigação intra-uterina. Através do ultra-som e de câmeras especiais, hoje é possível se fotografar o feto, saber o sexo antes do nascimento, acompanhar o seu desenvolvimento através de imagens, perceber se há anomalias e, inclusive, verificar o comportamento diante de determinados estímulos. Numerosos e variados estudos empíricos revolucionaram a visão tradicional e largamente difundida do meio ambiente intra-uterino como sendo um lugar quente, escuro e silencioso, isolado do mundo externo e protegido das interferências de estimulações, associando-o à ideia decorrente de constância, homogeneidade, conforto e segurança. Sabemos agora que o mundo intra-uterino, longe de ser um universo estático, é sujeito a muitas mudanças e pode apresentar inúmeras variações individuais, observáveis em cada gravidez em si (PIONTELLI, 1992).

Sabe-se, atualmente, que o útero não é o lugar idealizado de trinta anos atrás. Não é um lugar silencioso, pelo contrário, os ruídos são muitos, pois os sons dos batimentos cardíacos e o fluxo sanguíneo que abastecem o útero e a placenta são fortes e constantes. O estresse materno no período gestacional, substâncias neuro-hormonais da mãe e alterações no seu estado emocional, atravessam a placenta e atingem o feto. Sabe-se também que, sendo o útero o ambiente natural do feto, ele reage aos estímulos externos devido às transformações do sistema nervoso da mãe que libera substâncias químicas na corrente sanguínea e atingem seu "ambiente". Então, o feto é tomado por um estado de alarme, que pode aumentar ou diminuir seus batimentos cardíacos. Ele busca "mecanismos de defesa" para "alívio das tensões". Para melhor compreendermos esse movimento, segue-se:

"[...] Na busca do alívio das tensões, desenvolvem-se mecanismos psíquicos de defesa e que são expressos através de movimentações hiperativas do corpo. São reações parecidas com as do recém-nascido em sofrimento que se contorce, grita, chora, esperneia, para livrar-se do que lhe causa desespero. Ou, ao contrário, se a situação estressante torna-se crônica, o feto "substitui" o mecanismo de defesa que não percebe mais como aliviador de tensão, e ocorre a diminuição das atividades motoras ou hipoatividade, que sugere a possibilidade de depressão e de decréscimo de energia vital. Enquanto durar o distúrbio emocional da gestante, a atividade fetal continuará a um nível elevado [...]" (RICO, s/d).

Como o feto está estreitamente vinculado à mãe, estas experiências negativas vividas por ela, o atingem em seu ambiente, entram nele e geram sentimentos de ansiedade, angústia, medo. O *input* em situações de estresse, comunicando o que a mãe esteja enfrentando, o colocará em sofrimento. "Tudo o que acontece durante esse período é esquecido ao nascer, porém fica registrado no inconsciente" (RICO, s/d).

"[...] os investigadores que acompanham o desenvolvimento das capacidades do feto concordam em dizer que o bebê já antes de nascer é um ser inteligente, sensível, apresentando traços de personalidade próprios e bem definidos [...]" (WILHEIM, 2002, p. 20). Isto quer nos dizer que os *inputs* que o feto recebe, durante a gestação, irão afetar e moldar determinados traços de personalidade que será composta juntamente com aquilo que vem da memória do inconsciente familiar de seus pais e antepassados. Trazemos esse conhecimento obtido através da técnica das constelações familiares com as quais trabalhamos e temos constatado que o que se apresenta como aspectos da personalidade em um indivíduo é o conjunto dos *outputs* que surgiram como resultado às reações dos *inputs*. Vamos dar um exemplo para esclarecer essa nossa ideia: Suponhamos que uma mulher, durante a gravidez, tenha passado por um assalto à mão armada. Nela entrou um ambiente de violência e insegurança. Dentro dela gerou o medo, o desespero, a incerteza diante da possibilidade de morte. O estresse se instala e imediatamente passa para o feto e entra nele. O *input* faz com que os batimentos cardíacos do feto se acelerem e ele reage de uma maneira ou de outra, dependendo da memória celular que herda geneticamente e da ressonância mórfica⁴ que vem do campo

⁴ É o conjunto de informações relacionadas com a memória da história de vida de um indivíduo e do seu sistema familiar em geral, considerando os antepassados da mãe e também os do pai.

morfogenético⁵ dos seus ancestrais. O feto pode, por um determinado tempo, ficar imóvel se fingindo de morto, ou então pode ter uma reação bem contrária ficando hiperativo e dando pontapés. “Os pontapés e a hiperatividade são reações pelas quais comunicam desagrado pelo som de uma música mais violenta, ao bater de tambores, a filmes de guerra ou de violência, a desastres naturais ou situações traumáticas vividas pela mãe” (WILHEIM, 2002, p. 39). Essa vivência irá afetar negativamente o feto, de tal forma que aparecerá a reação através do *output* após o nascimento e fará parte de sua personalidade. Mesmo se tornando adulto, será uma pessoa medrosa, angustiada, desconfiada, insegura. Carregará o trauma pela vida afora, se não fizer uma terapia para se desidentificar das emoções sentidas pela mãe.

[...] Os sentimentos negativos de abandono, desamparo, pessimismo, desesperança, desconfiança têm suas raízes fincadas na experiência pré-natal. Lembre-se de que, desde as primeiras situações da vida biológica, houve experiência de rechaço fisiológico e rejeição imunológica, que também receberam *imprints*, deixando marcas negativas. A partir destas, no decorrer da vida, são emitidos sinais negativos do tipo: "não sou desejado", "não sou querido", "não sou aceito", "não sou acolhido", "não pertencço", reproduzindo, em outro nível, a angústia sentida pelo ser por ocasião do primeiro registro pré-natal [...] (WILHEIM, 2002, p. 60,61).

Todo estabelecimento de vínculo é um processo comunicacional. Vínculo é afeto, e vincular-se é estar sujeito a afeto negativo ou afeto positivo (BAITELLO, 2015).

Num organismo ainda em formação, a nicotina e outras drogas, equivalem a uma dolorosa chicotada que a mãe dá no feto. A criança sofre uma perda de oxigênio sanguíneo, e outras alterações metabólicas que são penosas para ela. Assim nos esclarece a psicanalista Joanna Wilheim:

[...] Outras catecolaminas menos conhecidas por pessoas leigas são a noradrenalina, a serotonina, a oxitocina, a epinefrina, a norepinefrina e a dopamina. Todas elas, uma vez lançadas na corrente sanguínea, produzem sensações psicológicas associadas ao temor e à angústia. Quando presentes na corrente sanguínea da mãe atravessam a barreira placentária entrando na corrente sanguínea que abastece o feto por meio do cordão umbilical. O feto irá então sentir a mesma perturbação

⁵ Campo morfogenético é um lugar imagético onde estão as informações, em forma de energia, da história de vida não só de um sistema familiar, mas de toda a humanidade, inclusive das espécies animais. Inclui memória comportamental, cultural, social e mental de elementos vivos, desde a gênese.

emocional sentida pela mãe: temor e angústia. Portanto, o temor e a angústia transmitidos ao feto pela mãe têm, na sua origem, um caráter eminentemente fisiológico [...]" (WILHEIM, 2002, pg. 58).

Além de o feto ser afetado fisiologicamente de forma negativa, existe também um fator grandemente positivo na comunicação mãe-feto, que é o amor. Considerando o corpo como ponto de partida e de chegada de toda comunicação, podemos dizer que a matéria-prima dos processos comunicacionais é o amor (BAITELLO, 2008).

Segundo estudiosos do assunto, o feto ouve a voz de sua mãe já no quarto mês de gestação, e a qualidade desta comunicação pode influenciar, no futuro, seu desejo de comunicar-se. [...] caso a voz da mãe seja cronicamente áspera e zangada, poderá ficar associada a uma experiência desagradável e afetar a sua futura disposição para a escuta e a comunicação (WILHEIM, 2002, p.38,39).

Nos estudos realizados pelo psiquiatra, escritor e professor em diversas universidades dos Estados Unidos, o Dr. Thomas Verny, especialista em psicologia pré-natal, que escreveu um livro junto com John Kelly, intitulado “*A vida secreta da criança antes de nascer*”, e foi considerada a sua obra mais importante, ele afirma que faz bem à mãe ouvir música, sendo o melhor ritmo a música clássica, especialmente os movimentos lentos de compositores barrocos, como Mozart. Ele explica que esses movimentos lentos têm cerca de 60 a 65 batidas por minuto e que esse é o ritmo do coração materno em descanso, o que cria um ambiente de paz para o bebê. Verny também revela que viu, através de ultrassom, um feto sorrir ao ouvir a voz de seu pai (VERNY, 1981). O Dr. Thomas Verny atualmente está sendo considerado a maior autoridade sobre os efeitos do ambiente, do entorno, em crianças antes e depois do nascimento. É *expert* em atenção ao recém-nascido, tem feito palestras e participado de seminários sobre o tema pelos cinco continentes.

Em suas observações ultra-sonográficas, Alessandra Piontelli (1992) descreve:

"[...] O que chamava minha atenção nessa ocasião (durante um ano observei semanalmente várias gestações) era a riqueza e a complexidade dos movimentos que se podiam observar desde os estágios mais iniciais. Muito antes das mães poderem perceber qualquer desses movimentos, os seus bebês eram capazes de sugar, espreguiçar, coçar, bocejar, esfregar as mãos e os pés. Também me surpreendeu, nesses estágios iniciais, a liberdade de movimentos que cada feto era capaz de desfrutar no líquido amniótico. Com o pleno impacto da força da gravidade no nascimento, essa liberdade deixa de existir, pelo menos por algum tempo, e, nesse sentido, um bebê torna-

se um ser muito mais impotente do que era antes [...]" (PIONTELLI, 1992, p. 23).

A presença do corpo do recém-nascido e sua fragilidade nos conduzem à recordação da necessidade primordial de vinculação que toda criança tem com sua mãe, a fonte de sua vida e de sua sobrevivência. Segundo a teoria do psicólogo e psicanalista Otto Rank (1884-1939), a dor da separação da mãe é o maior trauma na vida de um ser humano. Baseado nessa teoria, um grupo de psicólogos portugueses criou, em Lisboa, um curso de formação em Terapia para Bebês com o intuito de ajudarem os bebês a minimizar o trauma do nascimento. Karlton Terry é um dos profissionais de renome, no mundo, na área da assistência aos bebês e oferece curso através do *Institute for Preand Perinatal Education*.

Esta formação ensina os alunos a compreender a linguagem corporal dos bebês. Quando compreendemos a linguagem corporal dos bebês, percebemos que estes falam constantemente sobre as suas experiências pré-natais e de nascimento, muitas vezes pedindo a nossa ajuda para resolver as dificuldades advindas de tempos precoces, de modo que as suas almas possam ser libertadas enquanto os seus pequenos corpos crescem (TERRY apud FORMAÇÃO..., 2015).

Em 1998, na cidade de São Paulo, assistimos a uma palestra do psiquiatra, psicoterapeuta e escritor, Dr. José Ângelo Gaiarsa (1920-2010), num congresso do SINTE – Sindicato dos Terapeutas – cujo tema da palestra foi O Trauma do Nascimento. Após termos sido tocadas pelo conteúdo da palestra, escrevemos um artigo (não científico) exatamente com esse título: “Trauma do Nascimento” (BASSOI, 2006). Faço uma ressalva aqui, explicando que, apesar de que hoje nós sabemos que o útero materno não é lugar de tranquilidade e paz, nem é quentinho e aconchegante como se pensava naquela época, queremos reproduzir aqui segundo a ideia principal que Gaiarsa nos passou na ocasião. O foco era o trauma, pois nos parece que ninguém nunca parou para pensar como foi a sua própria experiência de passagem do útero materno para o meio exterior. Segundo Gaiarsa (1998, informação verbal) ⁶, foi traumatizante para todos que nasceram de parto normal, sobretudo para aqueles que foram tirados a fórceps. O bebê, dentro da barriga da mãe, está num ambiente protegido, aquecido adequadamente para sentir-se confortável, e recebe absolutamente tudo o que precisa

⁶ Palestra proferida pelo Dr. José Angelo Gaiarsa no Sindicato dos Terapeutas - SINTE, na cidade de São Paulo, em 1998.

para crescer, desenvolver-se e poder adquirir vida própria. Não precisa respirar, pois o oxigênio vai para todas as células através do sangue que entra pelo cordão umbilical. Não precisa se alimentar porque os nutrientes também vêm através do cordão. A natureza se encarrega de tudo até o momento da expulsão do útero materno. De repente, tudo que estava tranquilo para o bebê, torna-se um suplício ocasionando a ele o medo da morte. O corpo da mãe, incontrolavelmente começa a empurrá-lo em direção a um túnel estreito em que mal cabe sua cabeça, imagina-se então como passar os ombros e os braços. Num turbilhão de cabeçadas e de empurrões, depois de um certo tempo de sofrimento, de repente a criança sente-se puxada pelas mãos do médico, ou parteira, num lugar estranho e frio, completamente inóspito, e então, esse desconhecido o separa do corpo de sua mãe. Como se isso não bastasse, ainda lhe corta o cordão umbilical. Nesse ato está consolidada a separação, não há mais como voltar atrás. Está definitivamente separado do corpo da mãe. E assim termina aquele artigo – no sentimento de solidão. (leia-se o artigo na íntegra, escrito por mim em 2006, incluído no final deste artigo, na página 18).

Isso tem que ser assim; é da natureza humana. No entanto, o sofrimento do bebê que é retirado com fórceps ou que está com o cordão umbilical enrolado no pescoço, é muitas vezes maior, e a sensação de morte o marca para o resto da vida. O *input* que ficou registrado foi: “alguém quer me matar”! E, nesse caso, o *output* no seu traço de personalidade, será: “preciso ser controlador, estar sempre vigilante, não posso confiar em ninguém”! Dizem os especialistas que, mesmo os bebês retirados do útero através de cesariana, ainda que o trauma seja bem menor, o estranhamento da mudança do mundo interior da mãe para o mundo exterior, o afeta sobremaneira, principalmente nos casos em que o recém-nascido precisa ficar na incubadora por algum tempo. Agora o *input* será: “me excluíram, me abandonaram, me rejeitaram”! Para ele, fica a sensação de abandono que, também, o acompanha pela vida afora sem que se tenha a consciência de onde vem essa sensação. O *output* vai aparecer como: “o coitadinho, a vítima, baixa auto-estima”. O vínculo com a mãe foi rompido, e é preciso se restabelecer. Por esse motivo é tão importante o aleitamento materno, além de outros benefícios que o colostro proporciona para o sistema imunológico.

Bert Hellinger (1925-XXXX), criador das constelações familiares, enfatiza o que ele chama de “Movimento Interrompido” que também é gerador de trauma e se dá quando a criança é separada da mãe porque esta morreu, ou porque foi embora e a

deixou, ou porque a deu em adoção, ou seja, o vínculo com a mãe foi rompido, não importando qual seja o motivo. O movimento interrompido também se dá na quebra do vínculo com o pai. Nas constelações familiares amiúde aparecem clientes com o trauma que estamos denominando de “Amor Interrompido”, pois nos dias de hoje são muitos os casais separados e os filhos ficam com as consequências.

Aqui se faz necessário citarmos o “duplo vínculo”, discutido entre os psiquiatras e psicólogos que eram adeptos ou simpatizantes da Escola de Palo Alto. Quando Bateson⁷ (1904-1980) o teorizou em relação à comunicação esquizofrênica, este percebeu que quando há uma situação dúbia onde existe um vínculo amoroso e, ao mesmo tempo, um vínculo de desinteresse, a criança fica afetada de tal forma que não sabe distinguir o prazer da dor. Essa criança pode desenvolver uma esquizofrenia devido ao fato do *input* ser um paradoxo. A imagem endógena e a imagem exógena são contraditórias na criança. A criança fica cindida, já não sabe o que se espera dela. Para ilustrar essa situação, colocamos abaixo uma série de fotos chamada “Estimulação e Frustração”, que mostram uma sequência de interação característica. Na comunidade *balinês*, com a qual Bateson conviveu por um tempo e realizou muitos estudos, ele teve a oportunidade de capturar essas imagens que mostram a frustração da criança que foi seduzida pela mãe e depois ignorada, pois a mesma volta seu interesse para outras pessoas que estão no seu entorno. Quando essas fotos foram sacadas, chamaram a atenção do casal Bateson e Mead que sempre estavam muito atentos ao comportamento humano e, principalmente, no que dizia respeito à comunicação. Somente treze anos depois foi que Bateson denominou essa situação de “duplo vínculo” (LIPSET, 1991).

Em Bali, as emoções da criança são controladas pela mãe. Na prática, isso significa que o estímulo e a reação ao “dando-dando” não assumem a curva ascendente que existe no caso do amor e do ódio em nossa cultura. A mãe balinesa estimula seu filho, mas quando ele responde emocionalmente, ela se torna insensível e nunca deixa que a troca se encerre de um modo afetivo (WINKIN, 1998, p. 40).

Tivemos acesso a essa série de fotos também por meio do biógrafo David Lipset, a quem Bateson fez questão de entregar seu baú cheio de cartas, anotações e fotos, sendo que essa página, no livro, encontra-se sem número, juntamente com tantas outras

⁷ Gregory Bateson, biólogo e antropólogo inglês, um dos precursores do pensamento sistêmico e da comunicação como ciência.

fotos de Bateson e suas famílias – 3 diferentes esposas e seus filhos com elas (LIPSET, 1991, p. 176-177).

A série de fotos apresentada na página subsequente a esta, chamada de Estimulação e Frustração, está contida no livro de Gregory Bateson e Margaret Mead, *Balinese character: A photographic analysis*.

Observando as fotos 1 e 2, na série apresentada abaixo, vemos que o gesto da mãe responde ao choramingar da criança a qual ela tenta acalmar roçando seu rosto no dela e simulando beijinhos. Quando, porém, a criança manifesta interesse pelos seios da mãe, a atenção dela parece estar direcionada para outro lugar (foto 3). Enquanto o filho mama e brinca com o outro seio, a mãe ri de alguma outra coisa e parece nem prestar atenção na criança (foto 4, 5 e 6). Na foto 7 ela esboça um gesto de carícia que provavelmente é automático, pelo fato de que a atenção dela e o sorriso estão voltados para outro lugar. A criança continua mamando e brincando com o outro seio, mas já percebe a falta de interesse da mãe (foto 8). Em seguida, para de mamar e se volta para olhar na mesma direção do olhar da mãe, porém, ambos parecem aborrecer-se (LIPSET, 1991)

Série de Figuras - Estimulação e Frustração



Fonte: BATESON, Gregory; MEAD, Margaret. **Balinese character:** A photographic analysis. New York: The New York Academy of Sciences, 1942.



Esta serie, llamada "Estimulación y frustración", muestra una secuencia de dos minutos de una interacción característica. Se pretende ilustrar cómo la capacidad de respuesta de un niño balinés se ve frustrada por su madre. Cuando él responde a sus atenciones, ella pierde el interés y nunca permite que el jugueteo llegue a su clímax en ningún tipo de emociones concentradas. Trece a días después, Bateson llamó este patrón de conducta "doble vínculo". Crédito: The New York Academy of Sciences.

Fonte: BATESON, Gregory; MEAD, Margaret. **Balinese character:** A photographic analysis. New York: The New York Academy of Sciences, 1942.

O etólogo francês Boris Cyrulnik defende, em “Os alimentos do afeto”, um livro a respeito dos vínculos, que as mais recentes reflexões sobre a afetividade no desenvolvimento das crianças não permitem isolar as emoções das representações. O autor mostra que o recém-nascido organiza suas relações com os outros a partir de acontecimentos cotidianos de sua vida familiar, a partir dos vínculos do bebê com os

familiares. Para o autor, “[...] a cultura, desde os primeiros gestos que cercam o nascimento, impõe um código comportamental que estrutura a criança [...]” (CYRULNIK apud MENEZES, 2007, p. 25).

Sabendo que uma criança já nasce em uma teia de vínculos que denominamos sociedade, lembramos importantes observações do sociólogo Norbert Elias em *A Sociedade dos Indivíduos*:

Não existe um grau zero da vinculabilidade social do indivíduo, um ‘começo’ ou ruptura nítida em que ele ingresse na sociedade como que vindo de fora, como um ser não afetado pela rede, e então comece a se vincular a outros seres humanos. Ao contrário, assim como os pais são necessários para trazer um filho ao mundo, assim como a mãe nutre o filho, primeiro com o seu sangue e depois com o alimento vindo de seu corpo, o indivíduo sempre existe, no nível mais fundamental, na relação com os outros, e essa relação tem uma estrutura particular que é específica de sua sociedade (ELIAS apud MENEZES, 2007, p. 25-26).

Viktor Von Weizsäcker, filósofo, doutorou-se em medicina pela Universidade de Heidelberg, Alemanha, e em 1917 ocupou a cátedra de Medicina Interna e em 1930 foi nomeado catedrático de Neurologia. Anos mais tarde também foi nomeado catedrático em Medicina Clínica Geral e, lidando com pacientes e ensinando os seus alunos, descobriu uma circularidade à qual ele denominou de “círculo da forma”. Estudando a questão de sintoma e doença, chegou à conclusão de que é impossível descobrir onde está o início, se na doença ou no sintoma; normalmente, as duas coisas estão muito mescladas, então, o sintoma gera doença e a doença gera o sintoma. Ele fundou uma escola da qual nasceram os grandes médicos da medicina psicossomática, porque as imagens geram as doenças. Quando a pessoa precisa, mas não consegue se libertar de uma imagem endógena, nesse caso, ela gera uma doença. Só é possível tratar, tratando o ambiente comunicacional (BAITELLO, 2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Como diz Cyrulnik que a afetividade no desenvolvimento das crianças não permite isolar as emoções das representações, entendemos que ele está se referindo às representações como sendo as imagens endógenas e exógenas sobre as quais Baitello discorreu em 2015. E como Norbert Elias afirma que não existe um grau zero da

vinculabilidade social do indivíduo quando ele nasce, percebemos o entrelaçamento entre todas as informações por nós obtidas que nos levam a formular o seguinte raciocínio: todas as pessoas estão sujeitas às influências do ambiente externo que entra (*input*) no corpo através dos órgãos sensoriais. O que entra afeta positivamente ou negativamente não só o corpo físico, como também a psique, à medida que se cria uma imagem endógena naquele momento. A partir das sensações e emoções sentidas, a psique, consciente ou inconscientemente elabora uma resposta e cria um mecanismo de adaptação ou de defesa para entrar na ambiência comunicacional de acordo com a sua imagem exógena. Assim, ela se prepara, na grande maioria das vezes de forma inconsciente, para atuar na vida com o seu *output*, que para nós nada mais é do que a sua personalidade, ou máscara social. Essa personalidade começou a se formar muito tenramente, dentro do útero materno, somadas às suas experiências vinculares com a mãe, levando-se em conta também os vínculos de lealdade aos sistemas familiares de pai e de mãe, firmemente conectados através da ressonância mórfica. Ninguém escapa disso.

Tudo que falamos sobre a ambiência comunicacional entre mãe e feto, fica registrado no inconsciente de todos os seres humanos. Não há borracha que apague, nem tecla que “delete”. Fica adormecido na nossa criança interior até que, numa determinada situação na vida, repentinamente aperta a tecla “start” e o trauma vem à tona. Nessa hora a dor se manifesta e cada um reage de acordo com a sua couraça. Estamos todos no mesmo barco e, por isso, não podemos julgar ninguém. Mas queremos encerrar este artigo dizendo que é possível nos livrarmos da couraça trabalhando nossa personalidade, conhecendo nosso ego. E, principalmente, deixando desnudar nosso *self* ou centelha divina.

REFERÊNCIAS

BAITELLO JUNIOR, Norval. Corpo e imagem: comunicação, ambientes, vínculos. In: RODRIGUES, David (Org.). **Os valores e as atividades corporais**. São Paulo: Summus, 2008.

BAITELLO JUNIOR, Norval. De imagens, ecologias comunicacionais e paisagens. In: ENCONTRO DE PESQUISADORES DE COMUNICAÇÃO E CULTURA NA UNISO, 9. 2015. Sorocaba: Universidade de Sorocaba, 2015. (Palestra)

BASSOI, Vera. **Comunicação e Pensamento Sistêmico**: Um Estudo sobre Constelações Familiares. 2016. 122.
f. Tese (mestrado) Área de Comunicação e Cultura. UNISO – Universidade de Sorocaba. Sorocaba, SP. 2016

BASSOI, Vera. **O trauma do nascimento**. 2006. Disponível em:
<<http://somostodosum.ig.com.br/clube/artigos.asp?id=3617>>. Acesso em: 16 abr. 2015.

BATESON, Gregory; RUESCH, Jurgen. **Comunicación**: la matriz social de la psiquiatria. Buenos Aires: Paidós, 1965.

FORMAÇÃO em terapia para bebês. Disponível em:
<<https://convidanascer.wordpress.com/formacao/terapia-para-bebes/>>. Acesso em: 11 mar. 2015.

HELLINGER, Bert. **O amor do espírito na Hellinger Sciencia**. Patos de Minas: Atman, 2009.

PIONTELLI, Alessandra. **De Feto a Criança**: Um Estudo Observacional e Psicanalítico. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

RICO, Ana Maria Moratelli da Silva. **A vida emocional do feto**. Disponível em:
<http://www.guiadobebe.uol.com.br/psicgestante/a_vida_emocional_do_feto.htm>. Acesso em: 01 set. 2016..

THOMPSON, Helen. Traumas afetam genes até de filhos das vítimas. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 26 ago. 2015. Seção Ciência. Disponível em:
<<http://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2015/08/1673630-traumas-afetam-genes-ate-de-filhos-das-vitimas.shtml>>. Acesso em: 04 ago. 2015.

VERNY, Thomas. **A vida secreta da criança antes de nascer**. São Paulo: Ed. C.J. Salmi, 1981.

WILHEIM, Joanna. **O que é psicologia Pré-natal**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

(Segue abaixo o artigo escrito por mim em 2006 – O Trauma do Nascimento”

O TRAUMA DO NASCIMENTO

Autor **Vera Bassoi** - verabassoi@gmail.com

www.somostodosum.ig.com.br

Ninguém nunca parou para pensar como foi a sua própria experiência de passagem do útero materno para o meio exterior. Você quer saber a resposta?

Foi traumatizante. É isso mesmo, traumatizante para todos nós, seres humanos. Sem exceção. Não importa se você nasceu de parto normal, cesária ou fórceps. Foi igual para todos.

Igual não, minto.

Para uns foi um pouco pior do que para outros.

Bem, a coisa se passa assim: imagine-se um bebê crescendo tranquilamente no ventre da sua mãe. Você não precisa se preocupar com nada porque ainda não sente necessidade alguma. Não precisa respirar, pois o oxigênio vai para todas as células através do sangue que entra pelo cordão umbilical. Não precisa se alimentar, pois os nutrientes também vêm através do cordão. Não precisa de agasalho, pois ali dentro a temperatura é constante. Não precisa, na verdade, fazer nenhum esforço. A natureza se encarrega de tudo. Você só vai crescendo e se sentindo seguro.

Sentindo-se seguro? Nem sempre.

Há aqueles casos, e não são poucos, dos bebês que, ainda dentro da barriga da mãe, já se sentem rejeitados.

Porém, voltando a considerar que você é um bebê esperado, querido, que não teria motivos para se sentir um intruso na vida da mãe, mesmo assim, de uma hora para outra começa a perceber uma coisa diferente. Já se coloca em estado de alerta porque, de repente, sem que ninguém lhe contasse, você começa a sentir uns empurrões, uns apertos, e não entende o que está acontecendo.

Nessa hora, pela própria natureza, o corpo da sua mãe começa a se contrair para expulsar você lá de dentro. É isso mesmo! Você está sendo expulso, mas você não sabe.

Não entendendo o que está acontecendo, você é obrigado a se mexer e a se virar de cabeça para baixo.

Por acaso lhe avisaram que sua cabeça teria que sair antes que o restante do corpo? Pois é, ninguém avisa nada e a gente tem que adivinhar. Há alguns teimosinhos que não seguem a regra, que não querem virar de jeito nenhum e tentam ficar sentados, plantados ali como se dissessem:- “Quero ver quem me tira daqui”.

Ai, ai. Esses danadinhos! Quase matam a mãe e ainda quase se enforcam no cordão umbilical!

Supondo que você não seja um desses teimosos, conseguiu virar e agora sente que é empurrado em direção a uma passagem que ainda se encontra fechada. E cabe a você ajudá-la a abrir dando cabeçadas.

Nossa! Aí já começam as cabeçadas na vida!

Aí já começa a dor.

Se você já tivesse capacidade de pensar, estaria pensando mais ou menos assim: “O que está acontecendo? O que estão fazendo comigo? Alguém está querendo me matar”!

Pronto, aí já se instalou o medo! O medo da morte.

Entretanto, eis que a passagem se abre e você tem que passar por um estreito túnel. É preciso se espremer tanto que até seu nariz fica amassado. Pergunte pra sua mãe, se ela ainda for viva, se não é verdade que você nasceu com o nariz amassado e a cara quase roxa de tanto esforço. Isso só não aconteceu para quem nasceu de cesariana. Em contraposição, nem quero falar no medo da morte que sentiram aqueles que foram tirados a fórceps!

Bem, daqui para a frente, do que vou descrever, não escaparão nem os cesariados.

- “O que será que tem do lado de lá”? “O que vai acontecer agora”? Seriam seus pensamentos, se pudesse pensar, como já disse acima.

Eis que, de repente, você é colocado de cabeça para baixo e as duas pernas esticadas para o alto, presas por um enorme gancho.

Vou lhe contar agora que aquele gancho é a mãozona do médico, e que foi necessário lhe colocar de cabeça para baixo para que você não se afogasse com as gosmas que estavam dentro da sua boca. Sabia? Claro que não! Ninguém lhe comunicou que era por isso, não é mesmo?

Bem, agora chegou a hora fatídica! Você vai ser separado da sua mãe. Eu sei, não lhe contaram, mas a partir de agora você vai ter que respirar por conta própria. O cordão umbilical vai ser cortado. O oxigênio terá que entrar pelas narinas e pela boca. O quê? Você não sabe como fazer isso? Então espere um pouco que já vai descobrir.

E já vai descobrir mesmo, porque assim que se corta o cordão e se dá um nó, o bebê toma um susto e reage com o choro. Para chorar ele inspira, instintivamente, e o ar vai para o pulmão. Mas o pulmão, que nunca recebeu ar, ainda se encontra com a película interna aderida, a exemplo de um saquinho plástico, desses que são usados nos supermercados, nas bancas de verduras e frutas. De maneira abrupta o ar entra irrompendo as aderências e, obviamente, causando desconforto e dor. Nessa primeira manifestação de independência, a leitura inconsciente que ocorre no bebê é: “viver dói”.

Porém, há casos em que o bebê não chora nessa hora. O médico, então, imediatamente usa um recurso para provocar o choro – dá um tapa no bumbum do recém nascido. É importante que o ar entre nas vias respiratórias para que o oxigênio não falte no sangue que vai irrigar, principalmente, as células do cérebro. Qualquer descuido poderá deixar graves seqüelas.

Pois é, você terá que respirar na marra!

Nessa altura, você que está lendo isto agora, deve estar pensando: “Graças a Deus, já acabou o sufoco!”

Acabou nada. O bebê ainda não está livre. Agora ele é entregue nas mãos da ajudante que vai limpá-lo e vesti-lo.

E pega daqui, e pega dali, com aqueles guindastes (as mãos gigantescas) que viram e

reviram o corpinho do bebê, esfregando e esfregando. Enrolam umas coisas esquisitas que passam pelo bumbum e pelo pipi do bebê, em seguida enfiam seus bracinhos e perninhas noutras coisas estranhas e dizem: “Pronto, já está vestido”!

Se mais uma vez o bebê pudesse pensar, seria assim: “O que é isso? Ah, já sei! Isso é uma capa protetora para eu poder sobreviver fora da barriga da minha mãezinha. Lá dentro eu estava protegido, aqui eu tenho que me proteger”.

E é verdade! A partir daí, nós, seres humanos, começamos a desenvolver mecanismos de defesa para nos proteger de todas as situações que gerem medo e dor. Fazemos isso de maneira inconsciente, o tempo todo, e não percebemos. Vamo-nos revestindo de camadas e camadas protetoras que vão moldando a nossa personalidade. Assim, cada vez mais nos afastamos e nos esquecemos da nossa verdadeira essência. Nem nos lembramos do trauma que passamos por ocasião do nascimento!

Ainda se faz importante lembrar dos casos em que o bebê recém nascido apresenta algum problema, assim como icterícia, por exemplo, e por esse motivo a criança permanece na incubadora enquanto a mãe volta para casa de barriga e mãos vazias. O fato real é a necessidade do bebê permanecer no hospital para ter cuidados especiais, no entanto, no inconsciente essa criança registra uma sensação de abandono. E nem é verdade; ela não foi abandonada!

Fazer o quê? É assim mesmo. E depois de adultos temos que aprender a lidar com isso, ou seja, com a dor do abandono.

Por tudo isso e por todas as experiências que a criança passa até os sete anos de idade, quando a sua personalidade acaba de ser formada, é que todos nós, adultos, carregamos, no interior, a nossa criança ferida. E, para cuidar do adulto, temos que antes curar as feridas dessa criança. Não há idade para isso; qualquer tempo é tempo.

Para essa cura, segundo a minha experiência, nada melhor do que a técnica de constelação familiar, em especial, a que adaptei para lidar com o input e output que receberam a influência da ambiência comunicacional. À essa técnica dei o nome de “constelação hexafacetada”.